

Cartografias Entre Grupos Religiosos Brasileiros Sobre O Uso Da Mídia Audiovisual: Uma Proposta Para Escolha Metodológica¹

Victor Sotero²
Rodrigo Follis³
Fábio Augusto Darius⁴

Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), Engenheiro Coelho, SP

Resumo

O presente artigo busca reunir indicações teóricas sobre a cartografia social e desenvolver uma proposta metodológica que analise e compare o fazer social de religiosidades quanto ao uso, desusos e abusos da mídia audiovisual dentro de grupos religiosos. Para tanto, três grupos representativos da matriz religiosa brasileira foram selecionados, o Metodismo, o Espiritismo e o Adventismo. Não é nosso interesse sistematizar o método cartográfico em si, mas discutir se ele teria o escopo metodológico suficiente para investigar as interconexões editoriais entre o Adventismo, o Metodismo e o Espiritismo. Também não é nossa intenção validar (nem mesmo discutir) as opiniões a serem encontradas em tais periódicos. Afinal, o que queremos é apenas traçar as relações sobre a mídia audiovisual, independente dos posicionamentos a favor ou contrário ao seu uso dentro de cada um desses contextos religiosos. Assim, podemos resumir o objetivo deste artigo através da seguinte questão: seria possível fazer uma cartografia social entre grupos religiosos acerca de suas percepções quanto ao uso das mídias audiovisuais?

Palavras-chave

Cartografia; Mídia e Religião; Uso da Mídia; Grupos Religiosos.

Introdução

Em trabalho anterior (FOLLIS; SOTERO, 2018) iniciou-se uma pesquisa quanto ao consumo e produção de mídias audiovisuais no adventismo brasileiro. Isso se deu a partir de abordagens da *Revista Adventista* – periódico oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD). Frente a tais resultados encontrados queremos agora analisar se essa

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religião, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 8º semestre dos Cursos de Teologia e Jornalismo Teologia do Unasp, e-mail: victor.sotero@hotmail.com.

³ Doutor em Ciências da Religião e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor nos cursos de Teologia e Comunicação Social no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), e-mail: rodrigo.follis@unasp.edu.br.

⁴ Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST). Professor no curso de Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), e-mail: fabio.darius@unasp.edu.br.

realidade de um grupo religioso pode ser expandida e comparada com outros grupos. Para tanto, se objetiva, de modo específico: (1) reunir indicações teóricas que sirvam de suporte para a proposta metodológica defendida nesta pesquisa; (2) analisar em linhas curtas os resultados obtidos em pesquisa anterior; (3) traçar uma proposta metodológica para comparar, em trabalhos futuros, os resultados sobre o Adventismo com outros dois grupos religiosos: o Metodismo e o Espiritismo. A ideia é trabalhar a metodologia aqui elencada para unificar esses grupos. A escolha dessas três religiosidades se deu por elas terem fortes representatividades em seus respectivos periódicos, a saber: a *Revista Adventista*, o *Expositor Cristão* e o *Jornal Momento Espírita*. Além disso, juntas, elas ajudariam a mostrar os aparentes enfrentamentos e cruzamentos sociais ao longo da história recente do Brasil (cada uma dessas religiões tem forte representação dentro da matriz religiosa brasileira, segundo Brandão, 2004).

Temos, como pano de fundo, a hipótese de que diferente da cartografia tradicional, ao usarmos o sistema cartográfico para as ciências humanas e sociais, é preciso pensar em mais do que um mero mapeamento físico. Trata-se de “movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamento entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade” (FILHO; TETI, 2013, p. 47). Em outras palavras, a cartografia social tem por objetivo fazer um diagrama de relações, destacando possíveis enfrentamentos e cruzamentos. O que possivelmente a tornaria útil como instrumento metodológico a ser elencado em trabalhos futuros sobre religião e o audiovisual.

Vale ressaltar que não é nosso interesse sistematizar o método cartográfico em si, mas discutir se ele teria o escopo metodológico suficiente para investigar as interconexões editoriais entre o Adventismo, o Metodismo e o Espiritismo. Também não é nossa intenção validar nenhuma das opiniões a serem encontradas em tais periódicos, seja nesse artigo ou na pesquisa futura. Afinal, o que queremos é apenas traçar as relações sobre a mídia audiovisual, independente dos posicionamentos a favor ou contrário ao seu uso dentro de cada um desses contextos religiosos. Assim, podemos resumir o objetivo deste artigo através da seguinte questão: *seria possível fazer uma cartografia social entre grupos religiosos acerca de suas percepções quanto ao uso das mídias audiovisuais?*

Para iniciar nossa discussão, partiremos do ponto em que a pesquisa se encontra neste momento, para, após isso, analisar se a cartografia em si poderia ajudar a expandir

tal análise e definir as interseções necessárias aos estudos futuros pretendidos. Assim, esclarece-se que a pesquisa original contemplou como o adventismo trabalhou os meios audiovisuais em sua trajetória no Brasil. Aqui, agora, se discute questões metodológicas para a continuidade de tais análises dentro do Metodismo e Espiritismo para, assim, conseguir se criar um processo metodológico que contemple as correlações de tais grupos em trabalhos futuros. Para iniciar, vamos revisar o que foi defendido no trabalho de 2018.

O Adventismo e as mídias audiovisuais: breve relato historiográfico

A filmografia e seus variados gêneros audiovisuais crescem exponencialmente desde o começo do século 20. Neste início, enquanto as mídias audiovisuais obtinham espaço social, observou-se que houve, em contrapartida, um posicionamento de afastamento de grande parte das congregações cristãs da então nova arte. Cresce também, neste mesmo período, preconceitos e desconfianças por parte da sociedade ocidental, num geral, para com as produções filmicas (HAGEMeyer, 2012; CRUZ, NASCIMENTO, 2017).

Nossa pesquisa anterior se utilizou desses fatos para questionar de que maneira a IASD, como instituição, tem se relacionado com esse tipo de produção cultural. Acreditamos que a instituição e a 7ª arte (filmografia) possuem uma relação ambivalente, assim como vivenciado no protestantismo – algo defendido por Cruz e Nascimento (2017). A denominação não está imune às mudanças culturais que as circundam e as opiniões se cruzam e trazem ventos de mudança de tempos em tempos. Portanto, foi objetivo da pesquisa passada analisar a postura histórica adventista a esse respeito. Em considerações mais pragmáticas, o nosso estudo anterior se perguntou: qual o desenvolvimento do pensamento adventista quanto a produções cinematográficas pode ser encontrado na *Revista Adventista*?

Cabe salientar que o *corpus* escolhido para tal objetivo analítico foi a *Revista Adventista* – periódico oficial da instituição e que se mantém atuante desde sua primeira edição, em 1906. Nela a busca foi direcionada por um conjunto de palavras-chave que serviram na investigação como material a ser analisado. As expressões *filme, filmografia, produção de filmes, cinematografia, curta-metragem, longa-metragem e documentários*, quanto aos seus aparecimentos no conjunto de revistas selecionadas (1906-2020), foram citadas numa tabela quantitativa, os quais posteriormente passaram por estudo qualitativo.

Para chegar à constituição das tabelas foi necessário trazer parte da metodologia de Bardin (2011) quanto a sua organização de estudo por quatro fases: a pré-análise; a exploração do material; o tratamento do material; o tratamento de resultados. Por fim, vale salientar que a investigação construída abriu portas para estudos ainda mais detalhados. Ao se valer do período histórico, social e cultural que o texto fora criado, como também levando em consideração a década em que o texto aparece e o tema que ela abarca, os resultados macro e micro estavam à nossa disposição para investigação. Ainda sublinhamos que tal pesquisa prezou pela preservação dos autores das reportagens, entrevistas e artigos encontrados na Revista Adventista, se abstendo de quaisquer menções a esses em nossas considerações.

A revista tem publicações desde 1906, mas a primeira menção à 7ª arte acontece apenas em 1928. Na tabela 1, constatamos que nas últimas duas décadas (2000-2017) tem mais citações do que nas duas décadas anteriores juntas, 1980 e 1990. Um dado simples e pouco conclusivo, mas já se mostra um indicador que a corporação se posiciona, cada vez mais, frente a utilização e apropriação das mídias em questão. Essa é apenas uma simples constatação que se pode obter depois da construção e análise qualitativa da tabela elencada abaixo (tabela 1).

Tabela 1 – Quantificação das expressões referentes a “produções cinematográficas” na *Revista Adventista* (1906-2017)

Termos	1906	1910	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000	2017	Total
Filmografia	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Cinematografia	0	0	0	0	5	2	4	8	1	4	6	10	40
Documentário	0	0	0	0	1	3	6	7	11	7	19	51	105
Curta-metragem	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	10	10
Longa-metragem	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	7	11
Filme	0	0	2	6	65	113	223	207	144	97	102	152	1.111

Fonte: Follis e Sotero, 2018.

A primeira citação sobre o tema foi em Agosto de 1928 (p.10) e noticiou um terremoto de larga escala que atingiu o México no período. A matéria conta que um grupo de pessoas estava no cinema quando foi surpreendido pelo terremoto. O episódio se tornou curioso porque os abalos foram sentidos justamente enquanto passava uma cena de crucificação de Jesus no filme. Na referência, portanto, não houve nenhum discurso

ou posicionamento da igreja quanto a mídia, pois o objetivo da matéria era apenas noticiar o fato curioso. Isso só aconteceu 13 anos depois, em 1941.

A edição de Julho de 1941 foi a primeira a abarcar um posicionamento da IASD sobre assistir às películas. A construção de discurso não aconteceu por meio de uma notícia e sim através de uma história fictícia. Era um diálogo entre dois colegas que pareciam convergir quanto ao posicionamento de idas a teatros, cinemas e assistir filmes. O texto chama a atenção por dar início a um ciclo de tendências institucionais sobre a temática. Abaixo, descreve-se um trecho do texto original:

Olhe, Donaldo, compreendo porque vocês adventistas do sétimo dia não fumam nem bebem. É, naturalmente, por serem esses hábitos imundos e prejudiciais; mas não entendo porque não vão ao cinema! Que mal há em assistir a um filme sensacional, emotivo, de vez em quando? [...] — uma pergunta de cada vez! [...]. Mas, para responder mais detalhadamente a sua pergunta, permita-me fazer-lhe outra: por que vai você ao cinema? — Vejamos — oh, vou em busca de recreação . . . — Recreação? Ora, Jaime, não sabe você a diferença entre diversão e recreação? Assistir a um filme não é recreação; é diversão. [...] — Pois bem; o que há então de mal em ver um filme para divertir-se? Em primeiro lugar, Jaime, não é a espécie correta de divertimento; não eleva o espírito; não promove ideais bons, puros e saudáveis. Ao contrário, contribuem para derribar as normas morais, introduzindo no cérebro pensamentos impuros. Pinta o amor de maneira a fazer com que Deus desaprove os produtores dessa impudência. Exerce sobre cada espectador poderosa influência maléfica (p. 28 e 29).

Notamos que a linha de pensamento do artigo parecia acompanhar o posicionamento oficial da igreja no período. Foi em 1937 que a Assembleia Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia havia produzido um documento oficial defendendo que produtos filmicos eram perniciosos ou anticristãos (NOVAES, 2016). Por isso, constatamos que o período em que o texto acima foi defendido traz a ênfase no afastamento dos filmes – dos “pensamentos impuros” – e não dos locais de exibição das produções em si. “Embora o adventismo mantenha hoje em vários países um posicionamento de que o local de cinema é danoso e não recomendável, seja por questões tecnológicas ou de ambiente social, essa compreensão não era comum até o final dos anos 1940” (NOVAES, 2016, p. 48).

Tabela 2 – “Produções cinematográficas” na *Revista Adventista* (1906-2017)

Termos	1906	1910	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000	2017	Total
Mídia influente ⁵	0	0	0	1	8	20	17	12	17	10	23	25	133
Assistir filmes como ato ruim ⁶	0	0	0	0	17	15	24	18	12	33	16	35	170
Uso positivo para educação ⁷	0	0	1	1	14	22	96	91	75	40	31	48	419
Avanço da arte ⁸	0	0	1	0	4	7	12	5	7	2	3	6	47
Filmes não devem ser usados ⁹	0	0	0	2	0	0	1	0	0	0	1	0	4
Com fins evangelísticos ¹⁰	0	0	0	2	28	50	81	96	45	22	53	116	493
Descontração familiar ¹¹	0	0	0	0	0	2	1	0	0	0	1	0	4

Fonte: Follis e Sotero (2018).

A tabela 2, elencada acima, traz uma análise qualitativa produzida para o trabalho anterior (FOLLIS; SOTERO, 2018). Encontramos um acompanhamento da revista e diálogo com as mídias audiovisuais desde que elas chegaram no Brasil, e isso nos chamou muito a atenção. Percebemos que com o aumento de menções sobre os filmes veio também um aumento de diferentes posicionamentos quanto ao assunto. Entretanto, o que constatamos com mais intensidade, foram menções que visualizavam a 7ª arte como um poderoso instrumento propagador da mensagem adventista. Assim, a IASD passou a crer que os filmes, quando usados com fins evangelísticos, eram profundamente eficazes.

⁵ Citações que posicionam o filme como uma mídia de autoridade, uma construtora de ideologias e percepção de mundo. Aqui não é inferido se a influência é positiva ou negativa, mas apenas menciona as produções cinematográficas como uma mídia poderosa.

⁶ Neste grupo foram alocadas todas as menções à sétima arte quando vista como malquisto. Uma produção sem fins positivos, e sendo até demonizada por alguns textos.

⁷ Aqui as passagens que fazem inferência a filmes como construtores da boa educação foram agrupadas. As citações que estimulam o leitor a assistir filmes com um viés cultural e cristão estão mencionadas aqui.

⁸ Nesta categoria estão os trechos que descrevem os filmes como um grande avanço tecnológico e/ou artístico.

⁹ Intimamente ligado à questão da evangelização, aqui estão inferências que tiram a credibilidade dos filmes dentro das igrejas ou inseridos em programas evangelísticos. São textos que aconselham, e em alguns casos reprovam, a utilização dos mesmos em conferências e em encontros casuais dos membros da instituição.

¹⁰ Também intimamente ligado à questão de evangelização, mas de maneira reversa a categoria anterior, aqui foram alocadas as menções que veem as produções como representadoras e complementares aos conteúdos textuais e auditivos dos programas evangelísticos. Sendo os filmes uma ponte para a construção do pensamento proposto.

¹¹ Aqui encontram-se as passagens que visualizam os filmes como uma fonte de diversão e entretenimento para as famílias. Um momento de descontração, não fazendo menção se o ato é positivo ou negativo.

Exemplos desta declaração encontramos nos textos de Janeiro de 1942 (p. 12), Novembro de 1953 (p. 9), Setembro de 1969 (p. 9), e Julho de 2010 (p. 33), entre outros.

No campo de estudo das relações mídia e religião, analisar os discursos de contrastes e continuidade das entidades investigadas é de suma importância. Elas não mostram fraqueza ou força das instituições, elas revelam, na maioria das vezes, o fazer social desses grupos ao longo da história. E entendemos que a cada década que passa a IASD se desperta mais intensamente para o consumo e produção cinematográfica como recurso comunicacional em potencial.

Feito resumo acima, podemos partir agora para a discussão foco do presente trabalho, analisar como a cartografia social ajudaria (ou não) a compreender as interconexões dos grupos religiosos em seu uso da mídia audiovisual.

Cartografia entre grupos religiosos: uma proposta de estudo da relação as mídias audiovisuais e as religiosidades brasileiras

Vale lembrar que existem tantas cartografias quanto campos a serem cartografados, o que nos coloca em posição de necessidade de uma proposição bem contextualizada do que se buscará fazer com o método. O estudo e o exercício do método chegaram ao Brasil no final do século passado, com trabalhos como o de Rolnik (1986; 1989). Fonseca e Kirst (2003), Veiga Neto e Souza Filho (2008) e Kastrup e Escóssia (2009), todavia, chegaram posteriormente dando visibilidade às diversas facetas do método cartográfico e dialogando com a produção coletiva mundial.

A cartografia tradicional se encontra diretamente com o conhecimento preciso, um mapeamento com bases fortes em estatísticas, matemáticas e instrumentos sólidos. Fonseca e Kirst (2003, p. 92) dialogam sobre o conceito do referencial metodológico:

O termo “cartografia” utiliza especificidades da geografia para criar relações de diferença entre “territórios” e dar conta de um “espaço”. Assim, “Cartografia” é um termo que faz referência à ideia de “mapa”, contrapondo à topologia quantitativa, que caracteriza o terreno de forma estática e extensa, uma outra de cunho dinâmico, que procura capturar intensidades, ou seja, disponível ao registro do acompanhamento das transformações decorridas no terreno percorrido e à implicação do sujeito percebido no mundo cartografado.

Entretanto, a cartografia social, aqui em questão, cria laços além de um mapeamento físico, com proposições de regras e procedimentos protocolares. Ela busca fazer um acompanhamento crítico, apontando rupturas e resistências nas composições dispostas (FILHO; TETI, 2013). Deleuze (2005), pesquisador das teorias da cartografia para as ciências humanas e sociais, explica que ela seria tal como um processo de análise e de desemaranhamento das linhas de um dispositivo¹² – ou seja, de um objeto de estudo. Tal autor argumenta que:

Desemaranhar as linhas de um dispositivo é, em cada caso, traçar um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que Foucault chama de ‘trabalho de terreno’. É preciso instalarmo-nos sobre as próprias linhas, que não se contentam apenas em compor um dispositivo, mas atravessam-no, arrastam-no, de norte a sul, de leste a oeste ou em diagonal (DELEUZE, 2005, p. 1).

Com o objetivo de trazer características preliminares dessa “ciência dos mapas”, essa última afirmação desenvolve algo pontual: o cartógrafo deve se apropriar e se equipar de todos os preceitos encontrados no caminho de seus estudos. Não deve limitar-se às bagagens, mapas e ideias preconcebidas, mas sim, estar aberto, percorrer e atravessar os trajetos de todas as direções (DELEUZE, 2005; ROLNIK, 1989).

“A cartografia coloca-se no desafio de conduzir a heterotopias: outros espaços, novas paisagens [...], novos modos de relação. [...] A estratégia cartográfica permite escapar ao decalque, à cópia, à reprodução e à repetição de si mesmo”, aponta Filho e Teti (2013, p. 57). Por isso, neste trabalho defendemos que através desse método podemos encontrar, de forma eficiente e sofisticada, propostas de estudo e análise da relação entre as religiosidades e as mídias audiovisuais. E assim propomos a cartografia como um caminho prático e concreto de análise de discursos em periódicos jornalísticos, tais como os do *corpus* já citados neste artigo.

A pesquisa realizada e resumida sobre a Revista Adventista, mencionada acima, é um exemplo tirado de um trabalho anterior (FOLLIS; SOTERO, 2018). E, através dela, associada com o que aqui argumentamos, aponta-se a proeminência de se construir um estudo em mídia e religião através da cartografia social. Assim, pensamos que esse processo metodológico pode ser utilizado na elaboração de uma análise comparativa entre

¹² É maquinário carregado de conceitos e práticas políticas e identitárias. Em outras palavras, de conceito e modelo de práticas rotineiras de poder, que se servem como objeto de método, estratégia e resistência de governos e entidades.

grupos religiosos distintos. Para tanto, a seguir analisaremos, de modo breve, uma proposta de cartografia de comparação entre o Adventismo, o Metodismo e o Espiritismo.

A seleção das três religiosidades para participação dessa proposta metodológica passou, inicialmente, por apenas um critério: ter um periódico atuante e amplamente reconhecido por sua comunidade por, pelo menos, 10 anos. Encontramos, portanto, nos grupos Adventismo, Metodismo e Espiritismo os respectivos periódicos oficiais: *Revista Adventista*, *Expositor Cristão* e *Jornal Momento Espírita*.

Pesquisando eventos históricos, personagens pioneiros e locais históricos de cada um dos movimentos, constatamos que existem laços rígidos entre os grupos. O Metodismo, por exemplo, possuía uma proposta de ruptura religiosa e social quando nasceu que corresponde ao ocorrido com o Espiritismo e com o Adventismo. “O objetivo de Wesley [precursor do movimento metodista] se caracterizava por reformar e não formar uma nova Igreja. A pretensão do movimento era ter uma prática crítica dentro da Igreja Anglicana”, explica Antunes (2004, p. 33). Em outras palavras, era vontade do Metodismo reformar e renovar o movimento religioso que já fazia parte e não gerar rompimento completo. Algo parecido acontece com o Espiritismo e com o Adventismo (STOLL, 2002; FOLLIS, 2018). Assim como o Metodismo, essas religiosidades causaram rupturas dentro do fazer social no qual se encontravam (é curioso destacar que tanto o Espiritismo, com as irmãs Fox, quanto o Adventismo, com Ellen White, são movimentos com uma certa origem dentro do Metodismo).

Ainda estudando os três grupos selecionados por este escopo, percebemos que o Espiritismo e o Adventismo possuem algumas relações ao longo de seus tempos de pioneirismo – em sua maior parte, relações conflitantes. Os dois grupos surgiram, praticamente, no mesmo período (SCHWARZ; GREENLEAF, 2016; SCHERER, 2013), o que nos fez pensar em como os grupos se relacionavam entre si neste tempo. Encontramos alguns escritos de Ellen White, pioneira do Adventismo, onde ela diz ter recebido uma visão em que lhe foi mostrado que as “batidas misteriosas” (fazendo menção a rituais espíritas das irmãs Fox) eram provenientes de poderes demoníacos (TIMM, 2002). A relação não parece ter sido amigável e é interessante encontrar esse histórico de relação entre esses grupos. Essa tensão é apenas mais um indício do valor de um estudo cartográfico comparativo entre grupos, analisando as relações de poder e confluência como marcadores metodológicos de suas constituições sociais.

Agora, e os respectivos periódicos? Estariam eles aptos para participarem de uma cartografia de comparação? Como já mencionado acima, a *Revista Adventista* possui forte atuação no Adventismo. O periódico é publicado ininterruptamente desde 1906 e é o informativo oficial da instituição sobre os últimos acontecimentos no grupo no Brasil e no mundo, como também, as últimas reflexões, estudos e decisões oficiais da IASD. O *Expositor Cristão* também está no ar há mais de 100 anos. Tendo sido fundado em 1886 com o objetivo missionário de levar esperança aos cristãos e, em especial, a comunidade metodista. Já o *Jornal Momento Espírita*, por outro lado, circula desde 2007, mas com forte apelo na comunidade. Ele é um periódico oficial do Centro Espírita Amor e Caridade e busca compartilhar, desde suas primeiras tiragens, as ações realizadas pelo movimento e divulgar artigos e materiais sobre os diversos temas atuais pela ótica da doutrina espírita.

Considerações Finais

A partir do que foi argumentado anteriormente, cremos ser possível fazer uma cartografia de comparação entre os movimentos religiosos aqui elencados. Assim, o mesmo que foi realizado dentro da *Revista Adventista* poderia ser feito entre os demais grupos e seus resultados poderiam facilmente ser comparados, pois eles têm fortes relações cartográficas entre si, ocupando semelhantes espaços de articulação social. E mesmo sendo grupos, rituais e dogmas diferentes, o Metodismo, Espiritismo e Adventismo têm muitas convergências. E isso pode ser notado já nos traços semelhantes no nascimento e desenvolvimento histórico dos grupos, por exemplo. Encontra-se, também, aproximação e distanciamento em muitos pontos fundamentais, o que reforça as relações cartográficas. Ou seja, dá para compará-los e entender uma boa parte do fazer social religioso ao analisá-los cartograficamente.

Estudando esses três grupos e seus respectivos periódicos temos uma cartografia, um desenho de grande parte de um movimento evangélico brasileiro em relação a um tema específico (em nosso caso, os usos, desusos e abusos das mídias audiovisuais). Assim, trabalhos futuros podem surgir estudando o cenário representativo da sociedade na relação religiosidade brasileira e as mídias audiovisuais a partir de cartografias vindas desses grupos religiosos.

Referências bibliográficas

ANTUNES, E. **Análise do discurso religioso**: marcas da pós-modernidade nas prédicas de uma Igreja metodista no ABC. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2004.

BRANDÃO, C. Fronteira da fé: alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. **Estudos Avançados**, p. 261-288, 2004.

CRUZ, B; NASCIMENTO, B. O adventismo e os filmes. In: CARMO, F.; NOVAES, A. (Orgs). **O adventismo e a cultura pop**. São Paulo: Editora Unaspres, 2017.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FILHO, K; TETI, M. A cartografia como método para as ciências humanas sociais. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-49, 2013.

FOLLIS, R. Turismo religioso, adventismo e lugares de memória. **Revista Horizonte**, v. 16, n. 49, p. 38-65, 2018.

FOLLIS, R; SOTERO, V. Produções cinematográficas e o adventismo: uma análise dos conflitos e aproximações a partir da Revista Adventista. **Comunicação & Informação**, v. 21, n. 3, p. 3-17, 2018.

FONSECA, T; KIRST, P. **Cartografia e devires: a construção do presente**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

HAGEMEYER, R. **História e audiovisual**. São Paulo: Autêntica, 2012.

KASTRUP, V ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

NETO, V; FILHO, S. **Cartografias de Foucault**. Belo horizonte: Autêntica, 2008.

NOVAES, Allan. **O problema adventismo-televisão**: uma análise do pensamento adventista sobre a TV a partir da tipologia de H. Richard Niebuhr em Cristo e cultura. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). São Paulo: Pontifício Universidade Católica de São Paulo, 2016.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SCHERER, B. Ações Sociais do espiritismo: **A Sociedade Espírita Feminina Estudo e Caridade, Santa Maria - RS (1932-1957)**. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

SCHWARZ, R. W; GREENLEAF, F. **Portadores de luz**: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2016.

STOLL, S. Religião, ciência ou autoajuda? Trajetos do espiritismo no Brasil. **Revista de Antropologia**. São Paulo, v.45, n.2, p.361-402. 2002.

TIMM, A. Seventh-day Adventist ecclesiology, 1844-2001: a brief historical overview. In: KLINGBEIL, G. ; KLINGBEIL, M; NUÑES, M. (Eds.). **Pensar la iglesia hoy**: hacia una eclesiología adventista – estudios teológicos presentados durante el IV Simposio Bíblico-teológico Sudamericano en honor a Raoul Dederen. Libertador San Martín: Editorial Universidad Adventista del Plata, 2002.